



NAS FESTAS DA CIDADE: Mademoiselle Davallos, gentil filha do sr. ministro do Mexico em Lisboa, que foi eleita rainha nos Jogos Floraes realizados no teatro de S. Carlos

Lisboa, 23 de Junho de 1913

Proprietaria: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Editor: JOSÉ JORNIST CHAVES
 Redacção, Administração, Ofic. Com-
 posição e Impressão—RUA DO SECCULO, 43

Illystração
 PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
 DO JORNAL
 O SECCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colonias por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	4800
	Semestro.....	2600
	Trimestre.....	1800

Será este homem dotado de um poder extraordinário?

Muitas pessoas de alta categoria e competência dizem que elle lie na vida de cada qual como n'um livro aberto

Quem ser claramente informado a respeito das cousas que mais lhe podem interessar: Negócios, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Quem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

LEITURAS D'ENSAIO, HOROSCOPOS PARCIAES GRATUITOS A TODOS OS LEITORES QUE ESCREVEREM DESDE JA'

ESTAO atualmente despertando a atenção de todas as pessoas que se interessam pelas ciencias occultas, os trabalhos do sr. Clay Burton Vance, que sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com o auxilio d'este dado tão simples: a data do nascimento. A exactidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora chiromantes, adivinhos, astrologos e videntes de todos os fel nos haviam logrado aplicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendar o porvir.

As cartas que publicamos em seguida attestam a elevada competencia do sr. Vance: «Recebi o meu Horoscopo, escreve o sr. Lafayette Reddit. Foi com verdadeiro asombro que li n'elle, fase por fase, a minha vida desde a infancia até agora. Ha anos que este genero de estudos me interessa, mas nunca me passára pela idea que fosse possivel dar opiniões e conselhos de valor tão incalculavel. Sou, portanto, obrigado a confessar que v. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitar, áqueles que o consultam, das suas admiraveis faculdades.»

O sr. Fred. Walton escreve: «Não esperava receber uma tão esplendida descripção da minha vida. É impossivel calcular todo o valor scientifico das suas consultas, antes de haver experimentado directamente, como eu fiz, Consultar a v. ex.ª. É, necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offerimento façam o seu pedido sem demora.



Em virtude de negociações levadas a cabo, podemos offerer a todos os leitores da Ilustração Portuense, uma Lettura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. É necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offerimento façam o seu pedido sem demora.

Aqueles que desejarem, portanto, uma descripção da sua vida passada e futura, que quizerem receber uma enumeração das suas caracteristicas, talentos e aptidões, uma indicação das occasões que se lhes proporcionam, não têm mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e anno do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes: Vosso poder é grande, é assombroso.

Do mundo a fama diz;

Do meu porvir rasgando o Yeu nebuloso,

Dizei—Serai feliz?

Dirigi a vossa carta a Monsieur Clay Burton Vance, Sulte 2008, G. Palais-Royal, Paris (França). Se de conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brazileiras) para despezas de porte e d'escriptorio. É preciso notar que as cartas para França devem ser franguezas com 50 réis (moeda portugueza) (ou 200 réis moeda brazileira). Não se deve incluir na carta dinheiro amolecado.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes: principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e EM TODAS AS PHARMACIAS e BOAS MERCERARIAS.



AUTOMOVEIS

R. 24 de Julho, 56

LISBOA

UNIC

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações	500.000\$000
Obrigações	383.000\$000
Fundos de reserva e amortização	266.400\$000
Total	1.149.400\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianada e Sobriehinho (Terra). Penedo e Casal d'Ilermio (Lousã), Val-Maior (Albaritaria-d'Felha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de pap'is de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:* 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—14, RUA DE PASSO MANOEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado.* Numero telefonico: LISBOA, 638.—PORTO, 117.

Comprem as Sederias Schweizer



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Eolenne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin: 120 cm largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr, bem como das bluzas e vestidos bordados em atista, la, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porto no domicilio.

Schweizer e Co., Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedoras da Corte.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

23 - 6 - 1913

N.º 383

O JUBILEU DO KAISER:

Realisou-se na passada semana em Berlim o jubileu de Guilherme II, — as suas bodas de prata imperiaes, Kempf, presidente do Senado, em palavras que um triplice hurrah coroou, saudou o kaiser. O kaiser da legislação operaria alemã? O kaiser da navegação comercial? O kaiser do *made in Germany*? O kaiser que armou a Alemanha do mar? O kaiser depois de cujo advento imperial o exercito alemão subiu de dois a cinco milhões d'homens? Não. Kempf saudou, simplesmente, o kaiser pacifista. No momento preciso em que Bethman Hollweg, chanceler do Imperio, porta-voz do Imperador, respondendo ao socialista Noske, diz que é preciso erigir d'uma floresta de ferro a fronteira da Russia e a fronteira da França; no momento em que a Alemanha aumenta de trinta e seis mil marcos o seu tesouro de



guerra e reforça com seis regimentos a sua cavalaria, — a saudação do presidente do Reichstag ao pacifismo de Guilherme II é, pelo menos, singular. A não ser que Kempf pense com o velho Montaigne — e talvez tenha razão — que ir d'encontro á guerra é ainda a melhor maneira de conseguir a paz. Também o *Siaranucia* da comedia italiana se armava até aos dentes, — para andar em paz com o seu vizinho.

CAMÕES EM PARIS:

A demolição do monumento a Camões, em Paris, alarmou talvez excessivamente o nosso amor patrio. O portuguez nunca conheceu o 'neio termo e falta-lhe por completo — disse-o um cronista ilustre — o sentimento das proporções. O gesto do sr. de Audigné e do sindicato dos proprietarios nunca podia ter sido considerado como um agravo feito a Portugal: foi, quando muito, um agravo feito ao escultor que executou o busto demolido, — e esse escultor, além de irrecusavelmente italiano, é averiguadamente mau. Também nós já apeámos em Lisboa, no campo de Santana, um Sousa Martins de bronze sentado n'uma cadeira de bronze, — e se alguém com esse gesto foi agravado, não consta que tivesse sido Sousa Martins. A estatua só se admite quando é uma obra bela. Quando o não é, deixa de ser uma estatua, — para se tornar um pelourinho. Se o busto era inferior, a França prestou-nos a melhor homenagem que podia prestar-nos, — demolindo-o. Para que havia de conservar-se n'uma avenida de Paris o busto de Camões, — se



o proprio autor, com uma franqueza admiravel, *«avoue qu'il est bête»?*

A MORTE DE MANIO:

A aviação foi assinalada entre nós pelo primeiro desastre mortal. Manio, italiano de nascimento e inglez de adopção, que já fizera gloriosamente a travessia da Mancha, voou solto do *baquet*, — o que foi sem duvida um erro, n'uma região acidentada como a nossa, em que são frequentes as irregularidades de vento e os redemoinhos altos. Uma refréga forte projetou-o



sobre a helice, que o mutilou e o sacudiu. Perante o cadaver de Manio dividiram-se as opiniões. Uns reclamavam, terminantes: — «Morreu um aviador! E' preciso proibir a aviação!» Outros esfregavam as mãos, satisfeitos: «Já morrerem aviadores! Isto vae-se civilisando!»

O BRAZIL E A EMIGRAÇÃO:

Ha tempo, os jornaes publicaram varias cartas do Brazil, umas anonimas, outras assinadas, dizendo que em Manãos os emigrantes portuguezes enchiam os hospitaes, e que no Pará, cheios de fome, ofereciam trabalho sem salario. Houve quem, de boa fé, alarmado pelo aumento do coeficiente emigratorio, se fizesse eco de semelhantes boates, — que em absoluto carecem de fundamento. Está averiguado que as noticias provenientes da America do Sul acerca dos emigrantes portuguezes, manifestamente tendenciosas, visam a uma campanha de descrédito contra o Brazil, — campanha de inconscitaveis intulos, com a qual nos cumpre repelir todas as aparências de solidariedade moral.

LITTERATURA:

O Amor continúa, com os seus dedos cêr de rosa, a folhear as paginas dos modernos poetas portuguezes. Ha pouco, os *Versos* de Alfredo da Cunha, — um parnasiano elegante e voluptuoso que bebe á gloria de Aphrodite pela taça d'ouro de um Medicis; hontem ainda, o *Lterno Feminino*, de Fernandes Costa, poema d'uma calma beleza, onde o culto da mulher atinge a mais nobre expressão lirica: já hoje a *Torre da Ilusão*, de Alfredo Pimenta, poeta que despe por momentos a toga pretexta da politica, para nos dar a exaltação do «velho tema» n'um belo livro de mocidade, de cêr e de ternura, onde gemem flautas tyrhénias, onde o amor canta, onde a saudade chora e onde, n'uma névoa doirada de sonho, sorri a eterna Vénus sem braços.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo.)



A Cicatriz.

A Marianinha tem uns olhos de precoce domínio: olhos de mulher no seu rosto abonecado de creança. Em ela pretendendo de nós o que quer que seja, crava nos nossos imperiosamente os seus olhos adultos, e não ha meio de dizer que não a essa pequerrucha de olhar de imperatriz, cuja edade se mede pelo numero de cachos que engrinaldam a toda a volta a sua cabeçita alicsa.

Por uma galanteria tocante, a mãe, sempre que ela faz anos, ordena á mestra que arme nova madeixa nos cabelos crespos da pequena. São presentemente sete os seus cachos negros, e sete, portanto, os poucos anos da irresistível Marianinha.

Ora acontece que, tendo assistido a semana passada ao casamento da irmã mais velha, a Marianinha, a quem coisa alguma escapa, tomou muito sentido na cerimonia, e parece ter descoberto em si uma promettedora vocação casamenteira. Anda agora com a mania de casar toda a gente, e a tal ponto que, segundo me contou a sua mestra, se lembrou ha dias de querer casar a creada de fóra com a cosinheira, ficando desgostadissima quando lhe disseram que não era possível.

Como, provavelmente, lhe não explicaram as razões de semelhante impossível, desde então a Marianinha tem o previo cuidado de, antes dos enlances frequentes que pratica, perguntar se pode casar uma determinada pessoa com outra.

Ante-hontem, quando me avistou no parque, correu para mim, interrogando-me:

—A «Miss» pode casar?

—Creio que pode—respondi-lhe—é solteira.

—Com a ama?

A Marianinha tem um irmão ainda de colo que, no geral, vem com ella para o jardim

—Não, com a ama não pode.—expliquei-lhe—tem de ser com um homem.

—Com um homem?

—Sim, com um homem.

—Com o jardineiro?

—Com o jardineiro, não. E' velho, e já é casado.

—O jardineiro já é casado?

—Já.

—E tu podes casar?

—Eu posso, se me arranjares noiva a meu gosto. Mas foge do sol, que te faz mal! Vae brincar ali para debaixo d'aquella arvore, queres?

A Marianinha obedeceu prontamente, e eu segui até ao banco onde a sua mestra estava sentada.

A mestra da Marianinha é inglesa. Chama-se Elisabeth, como a he-



roina do *Tannhauser*, e tem um corpo que a maioria das interpretes de Wagner invejariam para o *Venusberg*. Por sob os seus vestidos simples, sente-se a ambição escultural de um marmore ansioso de ser estatua. Os cabelos d'ouro apagado fazem r saltar a cor indecisa dos seus olhos que oscilam entre um verde glauco d'esmeralda e um verde opaco de malaquite. O seu perfil é de uma extrema pureza. A boca espiritosa lembra uma taça de fonte debruada de coral, e sobre a qual as abas vibrantes do lariz corretissimo fossem como duas

azas leves de uma antiga vitoria mutilada.

Tudo conspiraria para a tornar formosa se, desgraçadamente, de um dos cantos d'essa boca graciosissima não partisse, alastrando-se-lhe pela face, uma cicatriz ampla, saliente, repulsiva, que muito a desfeia, quando olhada da esquerda.

Deveras enigmatica essa cicatriz de Miss Elisabeth! N'uns dias afigura-se-me mais acima, n'outros mais abaixo, umas vezes mais dilatada, outras mais reduzida, hoje mais avermelhada, amanhã mais diluida; revestindo, contudo, invariavelmente o aspeto de uma d'essas artificiaes cicatrizes de teatro que os comicos improvisam com carmin e massa.

Procurando ver Miss Elisabeth tão bonita quanto o devia ser, quando me sento ao pé d'ella, dou-lhe sempre o lado esquerdo. Isso, porém, de pouco me vale, porque, arranjando um pretexto para se levantar, quando se torna a sentar se coloca de ordinario á minha direita, pondo sob os meus olhos a lamentavel cicatriz, a respeito de cuja origem jamais me atrevia a interrogal-a.

Ante-hontem, como o disse, depois de deixar a Marianinha brincando á sombra, dirigi-me para junto de Miss Elisabeth, e mal traváramos ainda um dialogo banal sobre o genio travesso da discipula, eis que esta, lembrada certamente da nossa pitoresca conversa, avança decidida para o rosso banco, e muito solene, com o seu olhar terminante de dominadora, me pede a mão.

Como não sei contrariar crianças, dei-lha immediatamente.

—Agora a sua, Miss!

—disse a Marianinha para a mestra.

Percebendo pouco mais ou menos do que se tratava, Miss Elisabeth, recolhendo as suas finas mãos, admoestou-a:

—Cra já cá tardava a menina com as suas ideias!

Deixe-se de tolices, ande! Vá brincar!

—A sua mão, Miss!—volveu a Marianinha com os seus olhos tiranicos—Se não m'a dá, chóró...



—Bem, não vale a pena!—atalhou a mestra para lhe evitar as lágrimas— Pegue lá! E agora?

—Agora vou casar-a aqui com este senhor.
—Eu não dizia!—exclamou a inglesa—Maluquinha de todo!...

Muito contente com a sua vitória, a Marianinha poz então na minha a mão delicada de Miss Elisabeth, e esboçando um gesto parecido com os do litúrgico *conjugo vobis*, ali nos casou aos dois com a maior das simplicidades, desatando no fim aos beijos de parabem à mestra e a mim.

Confessarei que, apesar de se tratar de uma ingenua fantazia de creança, senti n'aquelle instante um ameaço vago d'esse arripio matrimonial que julgo deve, a certa altura, acometer todos os noivos. Na mão esguia de Miss Elisabeth houve um tremor ligeiro, e desejosa de liquidar tão pueril, mas embaraçosa situação, mandou a pequenita para a beira do irmão e da ama. Feito o que, decorreram para nós alguns minutos de um silêncio difícil de quebrar.

—Eis-nos unidos pela mão da inocência!—atrevi-me, por fim, a sentenciar.

—E não se pode dizer que a inocência não tenha por vezes ideias bastante compromettedoras!—replicou Miss Elisabeth.

—Brincadeiras da Marianinha!

—Pois, certamente. Só por brincadeira eu poderia ser, durante um segundo, sua esposa.

—Não me julga digno de tal honra?

—Mais que digno, dignissimo. Simplesmente ha de concordar que não sou noiva que ninguém desceja.

—Não sou do seu parecer.

—Já reparou bem no meu rosto?

—Que importa? A noiva cae sempre no melhor pano.

—Que exagerado que o senhor é!

—Exagerado, eu?

—Pois claro. Está fazendo pouco nos meus defeitos.

—Defeito, n'este momento só lhe conheço um.

—E vem a ser?

—O de não querer continuar a ser minha noiva por brincadeira.

—Serio?

—Já que a Marianinha teve o trabalho de me arranjar noiva a meu gosto, e creia que não era facil, parece-me que devíamos continuar esta nossa suposta aventura conjugal.

—Veja lá o que vai dizer.

—Não pretendo offendel-a, descanse!

—Faço-lhe essa justiça.

—Nesse caso, como é d'uso seguir-se ao casamento uma viagem de nupcias, porque não havemos de a realizar nós também?

—Creio que, pela minha parte, ainda lhe não disse que não.

—De verdade? Seria capaz de me acompanhar?

—N'uma viagem, ou antes n'um passeio de nupcias figuradas...

—Já se vê.

—...que não exceda a duração da tarde de um domingo, que é o unico tempo que tenho de meu, porque não?

—Convem-lhe amanhã? E' domingo, iremos a Cintra.

—A Cintra, não. Prefiro o mar.

—Ao Estoril?

—Ha gente e vento demais. Não gosta de Carcavels?

—Carcavels? Acho muito bem.

—Pois então, amanhã, da uma da tarde em diante, tem-me ao seu dispor.

—Sou eu quem estará ás suas ordens, á hora e no sitio que mandar.

—Bem, amanhã á uma hora, na estação do Caes do Sodré.

—Perfeitamente.

—Se não houver logo comboio, esperaremos.

—Que noiva tão amavel me arranjou a Marianinha!

O imprevisto da situação e a perspétiva do passeio não me deixaram dormir bem. Hontem, domingo, logo pela manhã eu estava deveras mais preocupado do que um noivo autenticamente. Sempre que pensava em Miss Elisabeth, porém, e a bem dizer não pensava em mais nada, um coisa me affligia fortemente: aquella encarniçada cácatriz tão evidente.

Apesar de todo o esbelto encanto da sua figura e da afabilidade da sua maneira de ser, a lembrança da ingrata costura arrefecia por vezes o meu entusiasmo de nubente.

Pouco passava do meio dia, e já eu, á porta do ferroviário pardeiro da linha de Cascaes, aguardava apreensivo.Pontualissima, á uma hora precisa, Miss Elisabeth descia de um eléctrico da Estrela. Vinha, elegante e apetecivelmente, vestida com um traje alvado de alfaiate, e tocada por um chapéu pequenino, em cuja copa se enrolava uma fiavel de minúsculas rosas da China. Com surpresa minha, trazia a cabeça embrulhada num véo, o que

lhe dava o ar de ir partir para uma viagem mais longa, e logo me fez pensar em que tentava assim encobrir mais a horrenda cicatriz.

Saudamos-nos como dois bons camaradas, e apoz nos havermos apertado jovialmente ambas as mãos, ela, contra seu costume, collocou-se á minha esquerda, de modo, cuidei eu, a poupar-me n'esse dia a contemplação da lamentavel marca.

O comboio parou. O dia era de sol. O Tejo respandecia, como se tambem ele envergasse domingueiras galas, e em breve entramos de avistar o mar limpido e azulado.

Segundo a nossa combinação, apeámo-nos na estação de Carcavels, d'onde, como o sol causticasse algum tanto, acertando rapidos o passo, fomos procurar sombra num pinhal que se avistava.

A meu lado, Miss Elisabeth, de sombrinha aberta, tagarelava risonha, e notei nos seus olhos de indizível verde uma tal expressão de felicidade, que não pude furtar-me á curiosidade de lhe perguntar:

—Pelo que vejo, adora os passeios fóra?

—Nem sempre. Mas declaro-lhe que me sinto



hoje, realmente, muito nem disposta.

—Não será por causa do companheiro.

—Quem sabe? Já se esqueceu de que nos casámos hontem?

—E talvez não sejam tão alegres muitos dos noivados não platónicos como este nosso...

—E' que temos a certeza de nos poderemos descaçar quando nos apeteca.

—Acha isso uma felicidade?

—E' sempre delicioso não ter obrigações.

—Nem mesmo a de amar?

—Essa é tão aborrecida como qualquer outra.

Gracelando, mais do que conversando, n'esse tom ameno, chegavamos ao pinhal que demandáramos: um pinhal denso e acolhedor, d'onde, por entres os troncos ameadados, o mar se envergava como uma fascinante tentação aventureirosa.

—Agora repousemos!—disse Miss Elisabeth.

—Nem por encomenda, temos aqui este pinheiro cortado de fresco que parece haver-se deitado no chão para nos servir de canapé. Vê como as arvores também conhecem a amabilidade?

—Com um dia como o de hoje, quem terá a coragem de não ser amável?

—Não calcula quanto me surprehen-de a sua alegria! Pensava-a reservada, melancolica!



—Naturalmente. Está costumado a ver lá na cidade, com a sua seriedade de educadora e as suas maneiras pautadas, apenas a outra, a mestra no seu posto, a «Miss». Ora hoje quem o senhor tem aqui, junto de si, é a sua amiga Elisabeth, sou eu, em plena liberdade de me mostrar tal qual sou, nestas curtas horas d'este meu domingo de férias.

—Não gosta da sua profissão?

—Não desgosto, mas ninguém consegue gostar a valer senão de ser como é e de fazer o que entende. Os discípulos queixam-se de nós, porque lhes ralhamos e os contrariamos. Ser mestra, no entanto, é muito peor. Vemo-nos forçadas a obedecer á mais abusiva das tyrnias: a tyrnias das creanças, tyrnias que em cada hora inventa novas sujeições.

—De modo que lhe sabem bem as horas de liberdade?

—Sabem-me melhor. Sobretudo, com este sol que me estonteia, este mar que me embriaga, este calor que exalta!

—Nem parece do norte.

—Como mulher do norte amo o ser livre, e hoje, graças a si, sinto a liberdade de poder rir, de brincar; de fazer tolices, se me apetecer; de amar, se isso me passar pela cabeça; até de ser bonita á minha vontade.

—Pois ás mestras também se lhes prohibe o ser bonitas?

—Vulgarmente bonitas, atraentes, simpaticas, ainda se lhes tolera. Mas que sejam verdadeiramente bonitas, não imagina quanto isso indigna as senhoras que nos confiam os filhos!

—E porque!

—Não sei. Talvez a nossa beleza as humilhe ou nos torne suspeitas. Ha quem julgue as formosas mais propensas á galanteria do que as outras. As senhoras tem, por isso, um certo ciume de nós, por causa dos maridos, dos conhecidos, dos conquistadores que nos podem desencaminhar... Olhe, eu, até me fazer feia, não consegui arranjar colocação que me agradasse.

—Se assim fosse, esbarria ainda desempregada...

—Não me iludo, sabe! Deixe estar, que tenho reparado em como evita olhar-me da esquerda.

—Ilusão sua! Mas serio, foi a minha amiga quem cometeu na sua face um tamanho vandalismo?

—Cometi e cometo todas as manhãs!

—Não percebo.

—Quer ver? Sente-se com animo?

—Com animo para quê?

—Para devassar o segredo do meu rosto.

—Que conheço muito bem, aliás.

—Não o conhece talvez tão bem como julga.

—Melhor do que supõe! E tanto que acho imperdoavel occultar-o com esse incomodo véo.

—Já tinha reparado em que o meu véo o atrapalhava mais do que a mim. Aposto, porém, que nunca viu noiva sem véo!

—E' verdade, não me ocorrerá, mas as proprias noivas o abandonam em certo momento.

—No momento revelador...

—Que não ousou ambicionar.

—Pois prepare-se para a revelação! Vae ter uma grande surpresa, sabe?

—Uma surpresa?

—Sim, senhor. Ora veja!

Desamarrando então o véo, Miss Elisabeth foi, aos poucos, amarfanhando-o na mão esquerda, até o reduzir a um novelo de gaze com que pretendia occultar a enigmatica cicatriz. A luz intensa e diafana já afagava com realce todo o seu rosto, e ela teimava ainda em encobrir com o véo enrodilhado o estigma lastimavel.

—Vá, deixe-se de creancias!—supliquei—Gosto de si tal qual é.

—Nesse caso tem de arrepende-se, porque sempre sou um poucozinho mais bonita...

E ao proferir estas palavras, Miss Elisabeth, como que transfigurada, tirou a mão do rosto, descobrindo toda a face, onde se não divisava o mais ligeiro vestigio da mais leve mancha.

—Mas é então um processo, esse seu, de se tornar menos bela nos dias de semana?!

—E a minha caracterisação de mestra. Como não posso fazer-me velha, faço-me feia. Hoje, porém, como já lhe disse, assista-me o direito de ser nova e bonita á minha vontade!...

—Mais que bonita!

—E sua noiva...

Só posso acrescentar discretamente que os olhos de Miss Elisabeth, cujo tom eu ainda não conseguira fixar, me pareceram, num certo momento, c'ôr da rama dos pinheiros que, amováveis, nos cobriam nessa tarde amorosa...

MANOEL DE SOUSA PINTO.



DESESETE ANOS DEPOIS

(Esta bela poesia deve ser recitada hoje, em Coimbra, na reunião dos bachareis, formados há 17 anos, e a cujo numero pertence o autor, para reavivar antigas camaradagem.)

Que vimos cá fazer?—acaso somos
Ainda os mesmos que por cá passamos,
Tão diversos agora do que fomos?

Os nossos anos d'ouro aqui deixamos
E, se em buscal-os nosso intento pomos,
Apenas sombras vãs desenterrámos!

Como então, como d'antes não sentimos
O brilho aureolal da mocidade,
Que nos ficou aqui—quando partimos...

E tão estranhos somos d'essa idade,
Tão outros dos antigos hoje vimos,
Que só do que passou lembra a saudade!

Com o tempo se fez nossa mudança;
E eu revendo-me agora, reconheço
Que o passado distante não se alcança!

Decerto não sou eu... não me pareço!
E se procuro em mim ter a lembrança
D'aquelle que já fui—não me conheço!

O que nos traz aqui descendo a encosta,
Que o crepusculo doira e mal aquece,
Com a memoria no passado posta?

O recordar consola—e entristece:
A saudade é um «mal» de que se gosta
E um estranho «bem» que se padece...

O viço, o esplendor, a floração,
Tudo o que em nós já houve e já não temos
Em que misterio pairam—onde estão?

Ai de nós, sem querer, tudo perdemos!
Abriu-se a cova em nosso coração
Nos cabelos nevou—envelhecemos!

Alguma coisa, que floriu outrora,
Morreu dentro de nós que estremecemos,
Cuja lembrança mais aviva esta hora;

Outros somos, agora, os que nos vemos,
Boemia antiga nunca mais se inflora,
Porque o que fomos nunca mais seremos.

Mas não! nem tudo foi na derrocada!
Alguma chama as almas entretêce,
Que se não apagou nem está mudada

E sempre a mesma e nova permanece:
E' o espirito—a alampada sagrada,
Que não se aniquilou nem envelhece!

E' ele ainda a estranha claridade
Que risca ao pensamento o aureo traço
No culto da Beleza e da Bondade;

Não o sorveu o transcorrido espaço,
E forte como foi na mocidade
Anima e revigora o nosso abraço!

Coimbra—junho de 1913.

SEBASTIÃO DE CARVALHO.



NOS ALPES

Vim parar a esta abrupta quebrada dos Alpes de Vaud, ao ninho encantador de Glion que se mira de alto no aço imenso do lago.

Horas melancolicas da tarde.

Ao largo, a hostia sangrenta do sol poen-

te embebe-se no calice azulado da serrania saboiana. De frente, despe o Grammont a camisa rendada de neve para se envolver no sudario roxo-negro da noite, e o Cubli enrola o tapete malchite das vertentes, salpicado pelas corolas das primaveras e dos narcisos.

Em baixo, ao rez das aguas, esvoaçam ninhadas de lúciolos variegados, violáceos, brancos, amarelos — as luzes das avenidas e do casario de Vevey e Clarens, fogos fatuos onde tremeluzem os

manes românticos de Rousseau e Heloisa. E no alto, acendem-se as gambiarras electricas dos quartéis cosmopolitas de Pélerin e de Caux.

Horas melancolicas para um peregrino enfermo.

A alma penada do portuguez obstina-se a trespassar estas magnificencias do cenario do

Léman com as recordações da sua terra. Para além dos montes, Morat, onde naufragou na rocha armada das milicias suizas a gloria guerreira e politica de Carlos Temerario, o filho de Izabel de Portugal, que se ufana-

va de ter nas veias o sangue heroico do Mestre de Aviz. De frente as terras de Saboia, as longas terras para onde veiu menina e moça a doce Beatriz, a terra flôr da côrte manuelina. Por essa ribeira do Vaud, perpassa a figura tragica do Pretendente

Prior do Crato, o idolo fragil que por um momento encarnou a furia patriótica da plebe de Lisboa; do sangue do rei portuguez d'uma hora manou geração semeada pela encosta vaudesiana onde enxameiam familias do neto de D. Manuel, medicos, professores, velha cos-

res, vinhateiros — uma colonia de velha costela regia nacional.

Portugal, sempre Portugal pobre e amado

Agora, as aguas azues do Lemán ageitam-

se no remanso do meu Douro quando se alaga na curva graciosa do Freixo; a chã baixa de Ville-neuve, a aluvião do Ródano, arredonda o esteiro do Areinho; os alcantis do caixilho alpino encolhem-se aos fragueiros graníticos da garganta do rio, onde

Herculano divisava a escultura solene e profunda do cinzel de Miguel Angelo.

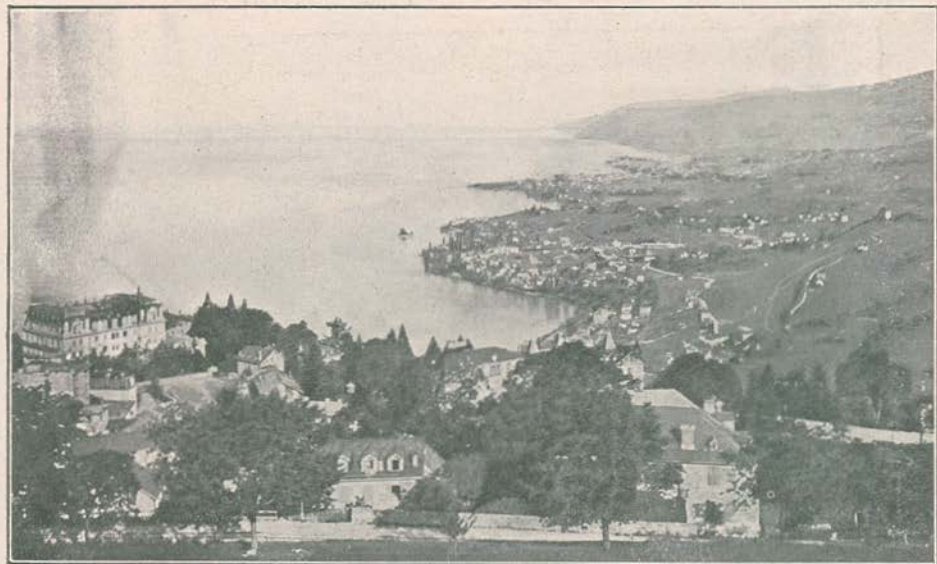
Miragens da saudade. Esta retina, tocada da amaurose final, não tem já vigor para retratar a otica maravilhosa d'este imenso panorama dos Alpes Só a



O pôr do sol em Chillon



Glion e os picos conhecidos pelos Dentes do Meio-Dia.



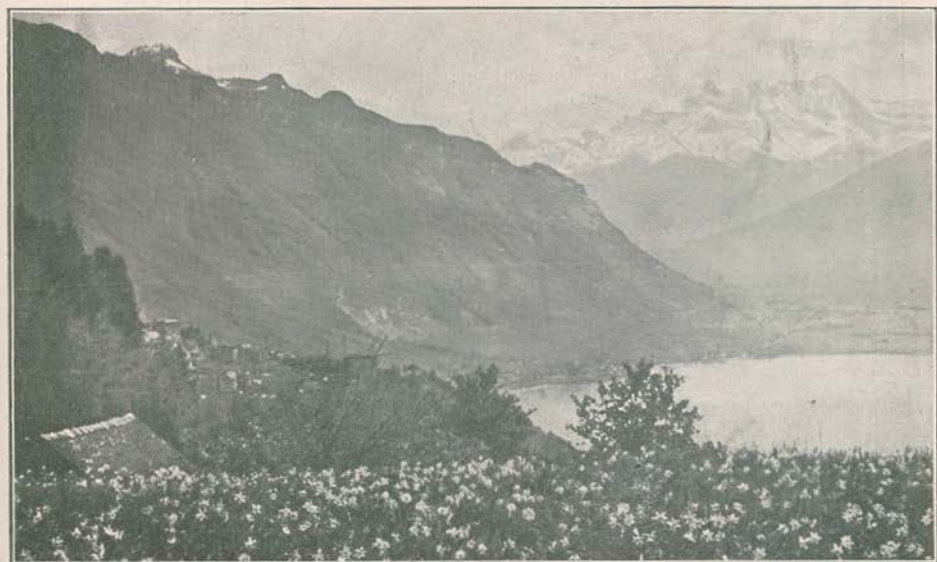
Glion, d'onde se avista o pavilhão maravilhoso de Claren.

terra pequena, ignorada, de além, se estampa nas fibras anestisadas com a côr e a luz d'outr'ora—a côr e a luz dos olhos da creança a espelhar a terra que me viu nascer. O velho que põe o olhar mortiço na ribeira de Montreux, regressa com anciosa saudade á visão do rapaz alegre que ha mais de quarenta anos se deliciava nas tardes ferias a contemplar do Prado do Repouso e da

Torre da Marca a paisagem da banda d'além, a vista risonha de Oliveira e do Candal onde vagueiam as amantes tragicas do Camilo. Mocidade porque fãõ cedo me abandonaste tu?—terra da minha infancia porque te abandonei eu?!

Glion s/ Montreux, 27—4—913.

Ricardo Jorge.



Campos de narcisos: ao longe esbatidos os Dentes do Meio-Dia.

O concurso de gado em Arraiolos teve uma alta importância, pois apareceram setecentas cabeças de gado o que abona a criação regional.

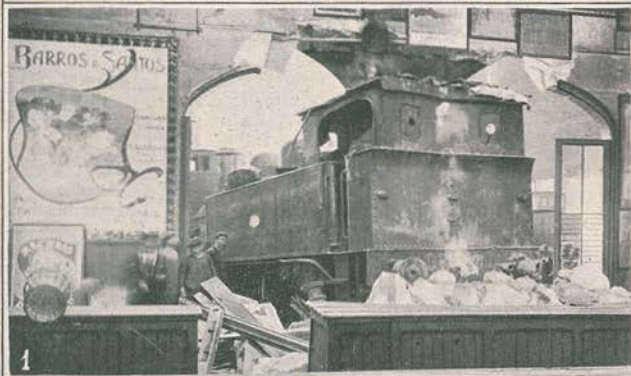
Houve prémios na importância de cento e oitenta e tres mil réis destacando-se a Taça do Sindicato Agrícola que deve ser disputada du-



rante tres anos e caberá ao expositor que obtenha maior numero de primeiros premios o que succedeu este ano ao sr. Carlos M. Costa Pinto, de Souzel, ao qual foram conferidas tres primeiras classificações, duas segundas e uma especial.



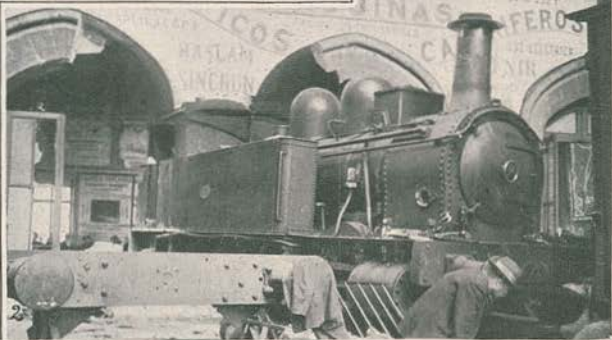
das tres primeiras classificações, duas segundas e uma especial.



1. Vista geral do campo do concurso de gado.—2. Carneiro com 15 meses pertencente ao sr. Manuel Amarel, de Mira o que obteve um primeiro premio.

entre elas o fogueiro, não succedendo o menor desastre ao maquinista Manuel Joaquim.

A maquina que conduzia um pequeno wagon e mais cinco veiculos de Vila Franca até á estação do Rocio em 16 de junho, ao chegar ao «charrion» da mudança de linha desentfreou-se, saltou-o e foi contra a parede fronteira da gare desfazendo um grande troço da alvenaria e indo parar ao recinto das bagagens. O pânico foi enorme ficando feridas algumas pessoas,



3. Taça oferecida pelo sindicato Agrícola d'Arraiolos, cujos serviços á agricultura regional são já inumeros e cujos esforços tendem sempre a estimular o seu desenvolvimento.—4. A locomotiva que se desentfreou e saltando fóra da linha arrombou uma parede da estação do Rocio.—5. A locomotiva vista do salão de espera.—(Clichés de Benoitel)

Vida elegante de Roma



AS TRES BACANTES

Na embaixada de Londres em Roma, a embaixatriz lady Rood fez uma ressurreição de velhas cenas romanas desde as evocações do Olimpo ás ninfas, ás musas e aos satiros, ao mesmo tempo que nas suas salas se evocavam épocas históricas com os descendentes dos proprios protagonistas como os Orsini e os Colonna.

(Cliché Berlitz, enviado à «Illustração» pelo seu correspondente em Roma sr. Carlos Azeiteiro)

CRAVOS MANGERICOS E ALCACHOFRAS

Junho é o mez dos cravos.

Quando a Natureza — pela maturação dos frutos e pela formosura dos trigaes — canta, pelos campos, o seu hino de

no inefavel convívio do ente adorado, na descuidada alegria que só a mocidade conhece, que só o amor fortifica!...

«Porque não ha de a alma envelhecer com o corpo?! Porque ha de a saudade assaltar-nos tanta vez,



Colhendo um cravo.

amor e de triunfo, eil-os a sorrir nos canteiros floridos, cheios de viço e de perfume a lembrar-nos as noites de folgado, os cantos á desgarrada, os bailados, os saltos das fogueiras e tudo que á mocidade é dado gosar nas noites luarentas que vão correndo.

Noites de amor e alegria, no ruído estonteante da Praça da Figueira ou na calma serenidade das aldeias minhotas!

Como elas falam á alma do povo portuguez, como elas deixam saudades áqueles que alguma vez as gosaram,

espicaçando-nos o coração, como uma lamina de luz que mata e delicia, que magôa e suavisa?... como eu já escrevi algures...

E realmente: quantas recordações, que de nostalgias reminiscencias para muitos, na quadra de folgedos que atravessamos!

Noites de Santo Antonio e S. João, noites de amor e de sonho, como elas lembram aos que, de longada no asperrimo caminho da vida, vão vergando, dia a dia, ao amorteecer de todos os devaneios, ao desatar estrondoso das mais queridas illusões!...

Ha no cravo rubro, sanguineo, que eu adoro em arroubamentos de ponteista,





1

exagerado, capaz de todos os sacrifícios, ou nós lhes queremos apenas... com uma amizade... mais ou menos platónica.

São afamados os cravos da Andaluzia, os de Nice e muitos outros que seria fastidioso enumerar aqui.

Em Portugal vae-se a sua cultura desenvolvendo com certo «entrain», encontrando-se já pelo paiz verdadeiros fanaticos por essa apreciada flôr que muitos tratam e seleccionam com carinhos dignos de registo.

Exemplares se nos deparam já pela capital e arredores, que nos deixam encantados, pelo tamanho que vão atingindo e pela sua «pintura» extremamente caprichosa, produtos de cruzamentos habilmente combinados. Não usufruem ainda o valor intrinseco e estimativo a que tem direito, é certo, mas deve admitir-se que n'um futuro mais ou menos proximo esteja feita a sua reputação para o que muito terão concorrido os versos ao mesmo tempo fortes e comovidos de

Corrêa d'Oliveira, cantor impenitente d'este belo produto da Natureza, e as mãos sempre delicadas, sempre carinhosas da mulher portugueza que começa a prodigalisar-lhe os cuidados a que tem direito.

Com os cravos apparecem n'estes dias o



2

1. Regando os mangericos
2. Queimando as alcaçofras.

o ardor, a lava das maiores paixões, a voluptuosidade de todos os beijos, a doçura dos mais belos sorrisos, o encanto dos amores lendarios... Ha-os claros e puros como a alma das creanças; rosados ao de leve como os poentes outonaes; de petalas bordadas como filigranas saídas das mãos de misticas princezas; vermelhos e graves como solideos de velhos cardeaes. Sempre belos, sempre lindos! nos cabelos da andaluzia ou na janela meio secular da mais simples casita aldeã.

Em Sevilha onde eles, por assim dizer, nos espreitam de todas as «ventanas», chegam a custar «um duro!» Em Lisboa onde raras vezes se veem n'uma janela da baixa, adquirirem-se, geralmente, por menos da decima parte do que custam nas margens do Guadalquivir...

Ou os hespanhoes os adoram com um amor



3

3. Grupo de ovarinas com os seus cravos.

mangerico perfumado e rasteiro, simbolo da modestia e da humildade, e a alcachofra dos campos, a que a tradição popular—bem dita seja Ela—vem emprestando desde tempos remotos um pouco de poesia e de lenda que a alma nacional recebe com amor e a consciencia dos justos não repudia com asperza.

Os mangericos saem da praça da Fi-

No intervalo dos bailaricos queimam-se as alcachofras, para que, florindo no dia seguinte, se conheçam os sentimentos do namorado, a sua constancia, a firmeza do seu amor...

Quantos momentos de amargura na expectativa d'uma desilusão, quantas exclamações de alegria se a alcachofra floriu depois de carbonisada a sua florinha digna, realmente, de melhor sorte...



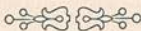
Compra um mangerico? (Clickés do autor)

gueira por entre a vozearia do Povo e a toada plangente das desgarradas. Vão florir mais tarde por essas janelas, em noites de luar, acalentadas pelas mãos de amáveis raparigas, a refrescarem-se no rócio das manhãs, a viverem a sua existencia efémera e obscura.

Como tudo isto é belo na sua ingenuidade! Como tudo fala ao coração dos poetas, á alma dos portuguezes!...

Vila Franca, junho de 1913.

FAUSTINO DOS REIS SOUSA.



Artistas Portuenses



Le Declin. gesso, caricatura do sr. Diogo C. de Macedo.

Não foi só Lisboa que, ao inaugurar a séde da Sociedade dos Artistas, celebrou a sua já inolvidavel festa d'arte.

O Porto fez tambem a sua e deve dizer-se e registar-se que a capital do norte tem desenvolvido, d'uma maneira digna de todas as atenções, o seu culto pelas belas artes.

Era já tradicional o seu amor pela musica e pelo canto, que tornaram celebres as noites do S. João no tempo de Camilo, quando se quebravam cabeças

e amizades por causa da De-dabeile; era já notavel o numero de artistas da pintura e da escultura que a capital do norte acolhera e amara como Silva Porto e como Soares dos Reis, dos maiores que em Portugal teem nascido. E' ainda no Porto que Teixeira Lopes e Antonio Carneiro teem feito



Mulher do 1903, escultura do sr. Antonio Teixeira Lopes.



Retrato de R. C., oleo, quadro do sr. João Augusto Ribeiro.

a sua arte e tudo isto são motivos d'um largo jubilo ao vêr os progressos artisticos que dão sempre a nota da grandeza moral d'um povo. Ultimamente os artistas portuenses fizeram a sua exposição; trabalharam devotadamente para que ela reunisse um grande numero de atrativos e para que fosse bem a expressão de todos os seus progressos.

A Sociedade de Belas Artes não se poupou a esforços e ha dias o



Bois, quadro a oleo do sr. Acacio Lino.



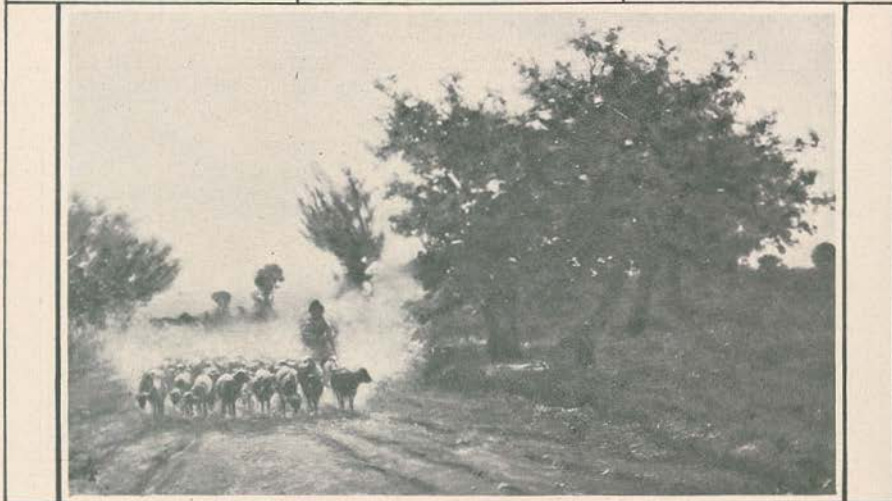
Porto artistico e mundano encheu as salas do Ateu Comercial, onde foi admirar as obras dos seus artistas.

Apareceram ali nomes desconhecidos e outros já com uma aura a formar-se, trabalhos interessantíssimos e outros que são promessas, tanto de pinto-



res como de escultores. Destaca-se também n'essa exposição um grande numero de trabalhos de senhoras devotadas á arte, apresentando obras que em coisa alguma desmerecem de outras já anteriormente expostas.

Teixeira Lopes, o grande mestre da escultura, tem, na exposição, a sua secção, onde mostra verdadeiras obras primas que a critica enalteceu, assim como destacou alguns trabalhos dos novos, que merecem realmente a atenção do publico.



1. *Per meu filho*, escultura do sr. José d'Oliveira Ferreira.—2. *Lilases e rosas*, quadro a óleo do sr. Antonio José da Costa.—3. *Espariga no sol*, quadro a óleo da sr.^a D. Sofia Martins de Sousa.—4. *Fim de tarde de verão*, quadro a óleo do sr. Julio Ramos.

Exposição Artur Loureiro

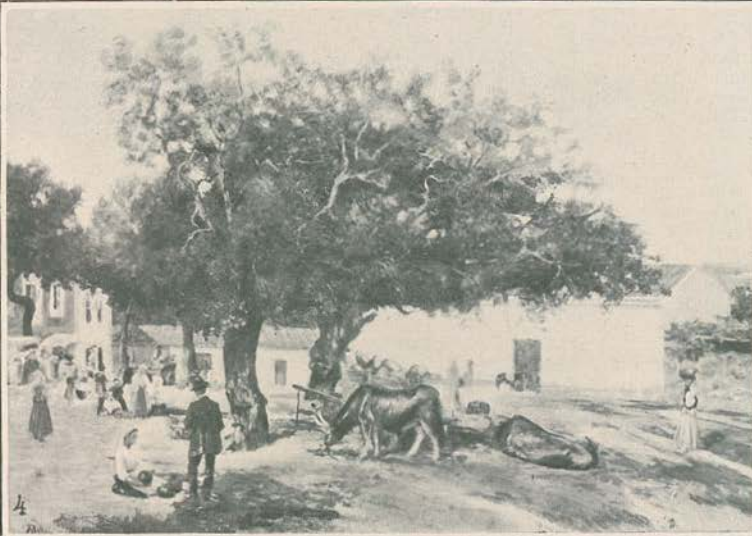
O ilustre pintor sr. Artur Loureiro fez também a sua exposição na qual ha ver-

dadeiras obras d'arte que honram o artista portuense tão admirado e querido.



1. *A Rita da Caroma*, quadro a oleo.—2. O retrato do pintor sr. Artur Loureiro, pintado por ele mesmo.

Entre os trabalhos expostos estão alguns verdadeiramente notaveis e que veem fortalecer a justissima reputação de que o seu autor gosa.



3. *Flora*, quadro a oleo.—4. *Treccho da Feira, (Sant'Ana)* quadro a oleo.

Lá baixo, ao lado de pinheiras, sobre rochedos, cerce á riba, no descampado das dunas, o Senhor da Pedra habita, na sua capelinha branca e solitaria, que a vaga escava, o sol requieima e o vento açoitá. E a capelinha branca, pomba adormecida á beiramar, esquivá-se á vaga, sorri ao sol e zomba do vento, senhorial e ativa no seu pedestal roqueiro, desvanecida pelo côro de ovações e de benções, de prazer e de jubilo, que todos os anos, e no mesmo dia, junto d'ela vae erguer a alma ingenua e cren-te do povo.

O Senhor da Pedra! Não ha com certeza em todo o norte, talvez até em todo o paiz, romaria tão concorrida e em que a alma popular dê assim expansão aos seus sentimentos, á sua religiosidade crendeira e supersticiosa, á sua alegria acentuadamente pagã. De todas as partes — gente do mar, do campo e da cidade — a multidão vae engrossando, em grupos, em ranchos, em avalanches, n'um desfilar incessante de danças e descantes, desde madrugada alta até que a noite volta, como se a vontade de gosar quasi sobrepujasse a necessidade de viver.

Este ano, então, a affluencia foi verdadeiramente colossal, como de ha muito não havia memoria. E' que o Senhor da Pedra trouxe-nos, depois de um inverno frio e impertinente, que parecia não mais ter fim, o primeiro

dia de sol quente e amavel, os homens e as coisas como que despertando, sob os seus raios reconfortantes, d'uma letargia amolentadora em que havia tanto jaziam. E das aldeias, das vilas proximas e distantes, o povo todo acudiu ao Se-



1. Um aspéto do arraial.—2. A' hora da meienda.

nhor da Pedra, n'uma animação extraordinaria, os rapazes de lenço branco ao pescoço, pau de lodão na mão e sapatos grossos, as raparigas de saia arrepanhada, arrecadas nas orelhas, desabado chapéu de palha enfeitado a rosas, mulheres, homens, creanças, todos n'uma alegria doida, sempre cantando e dançando, ao som de zabumbas, violas, ferri-nhos e pandeiros.

E a população da cidade, entorpecida também pelos mornos e nostálgicos dias de frio e de chuva, que parecia quererem acompanhar toda a primavera, saiu para a rua n'uma alacridade e trepitosa, e debandou para Campanhã, para o Seminário, para a ponte, para a Serra do Pilar, para as Devezas, para todos os pontos onde podia assistir á partida e chegada dos romeiros, que se acovelavam no rodopio perturbante da dança, em rondas sem fim, cantando sempre.

E' a romaria popular por excellencia, verdadeira festa da democracia, em que senhoras e camponozas, meninas galantes desaiavadinha e lindas raparigas de perna branca á mostra e pés des-



calços, rapazes janotas da cidade e moços rudes da aldeia, tudo se confunde no mesmo redemoinho vertiginoso de prazer.

Não tem esta festa atrativos especiaes nem se inspira n'um puro e elevado sentimento religioso, porque apenas alguns mastros embandeirados e o estrelajeir de foguetes indicam o ponto da romaria, em que se não observa tambem essa nota suave de piedade e devoção que ainda caracteriza outras romarias do Minho, como S. Bento da Porta Aberta, a Senhora da Abadia, a Senhora da Penêda, a Senhora do Porto d'Ave. O Senhor da Pedra é, como já indiquei, profundamente pagão, mas aureolado

1. Debandando para a frescura do pinheiral.
2. Vendedoras de doces no arraial.
3. Outros festeiros á hora da merenda.
(Clichés Alvaro Martins).



vez sinta os olhos a esbagoarem-se-lhe de lagrimas tão grossas como essas camarinhas com que enfeitara o chapéu, na hora já então remota do regosijo do povo. Mas é também para esquecer as suas maguas que o nosso povo frequenta as romarias, as grandes diversões que ele se póde proporcionar gratuitamente, e que lhe são tanto mais gratas, quanto é certo que elas constituem uma criação verda-

pela tradição e pela lenda e demonstrativo da singeleza, da ingenuidade, da alegria, da vivacidade e pureza de intenções d'este nosso bom e sentimental povo portuguez, que abafa as suas maguas, os seus pezares e os seus infortunios no ruidoso bulício d'um dia de festa.

Não se lembrando a gente que ele, o pobre povo, ao voltar a casa, depois de foliar um dia inteiro, como n'este do Senhor da Pedra, tal-



deiramente sua, e por ele encenadas e representadas, sendo, por isso, a exteriorisação perfeita, clara e insofismável da sua alma sentimental e afetiva. E para isso anda ele peregrinando, desde que reentam os primeiros botões da primavera até que tombam as ultimas folhas do outono, n'uma romagem constante, do norte a sul, pelo Senhor da Serra, pela Senhora da Aparecida, pelo S. João de Braga, pela Senhora da Agonia, pela Senhora da Penêda, por tantos outros lugares onde a tradição e a lenda erigiram monumentos para o culto da sua piedade e para esquecimento dos seus azares.

Porto, 23-V-913.

1. Nas balanças do arraial 60 kilos gentis. - 2. A capela do Senhor da Pedra. (Clichê Alvaro Martins) - 3. Um automovel prestes a partir no fim da romaria - (Clichê de Constantino de Carvalho).

S. M.

Figuras e Factos



1. O quadro *Apotheose ao nosso glorioso passado*, do sr. Alves Cardoso, destinado ao teto d'uma das salas do Museu d'Artilharia que são todas cheias de alegorias aos feitos das armas portuguezas.—2. General sr. Pimentel Pinto que foi varias vezes ministro da guerra da monarchia;—3. sr. Garcez Palha;—4. sr. D. Casimira Paes da Silva, de 103 anos;—5. o missionario sr. Antonio Monteiro, paroco de Lourenço Marques;—6. coronel sr. Vasco Pereira de Campos, todos falecidos em junho.



audição das alunas do professor do Conservatorio Marcos Garin no Salão da *Illustração Portuguesa*.—1.º plano da esquerda para a direita o illustre professor Marcos Garin, Mesdemoiselles Ester d'Azevedo, Sara Carvalho, Alice Pereira, Adelaide Teixeira, Maria Amelia Braga, Maria Eduarda Oliveira, sr. Antonio Monteiro, Maria de Jesus Figueiredo, Maria da Luz Waza d'Andrade. 2.º plano, sentados: Mesdemoiselles Alice Leite, Evangelina Cardoso Teixeira, Emilia Silva da Mota, Maria de Lourdes Botelho, Alzira d'Araujo Pereira.—3.º plano: mesdemoiselles Maria Luiza Garin, Noemia Rocha, sr. Eurico Figueiredo, Lybia Anodida, Cecília Borba Costa, Mariana Gomes da Silva, Izaura Martins, Lourenço Varela Cid. (Clichés de Benoit)

Ainda as festas da cidade



que o fogo de artifício passava no espaço como se despejassem dos ares pedrarias, ao som das modinhas regionaes cantadas pelas tricanas ladinas e gracis.

Os divertimentos desportivos tiveram tambem os seus numeros de sensação, notabili-

Sem o triste incidente que as perturbou uns momentos, as festas da cidade só teriam uma nota: a do brilhantismo.

Não ha duvida que tudo se fez conforme se annunciara no programma, dando-se ao que se apresentou realce, e por vezes, até além do que se esperava.

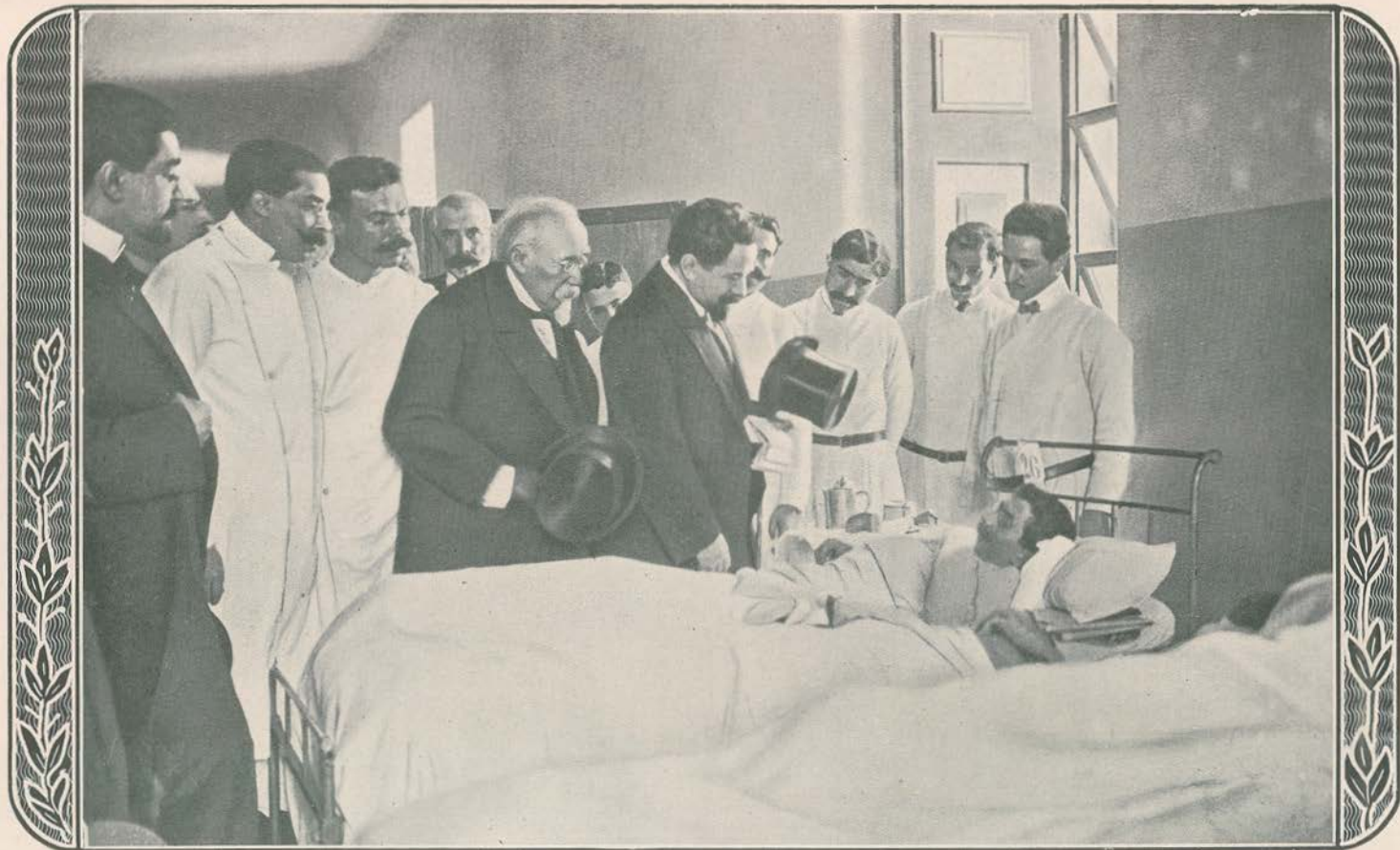
As festas nas ruas, desde as iluminações ao fogo d'artificio, desde

as canções das tricanas á batalha de flôres, tiveram fases verdadeiramente interessantes como, por exemplo, a que se sentiu n'essa enorme avenida cintilante de luzes, apinhada de povo, na vespera de Santo Antonio, em

sando-se os aviadores e sendo disputadas com grande entusiasmo as regatas, contribuindo tudo isso para o esplendor que as festas revestiram a contento dos forasteiros que encheram Lisboa.



1. As alunas da Escola Normal com o seu estandarte no cortejo.
2. O carro das Artes no cortejo.



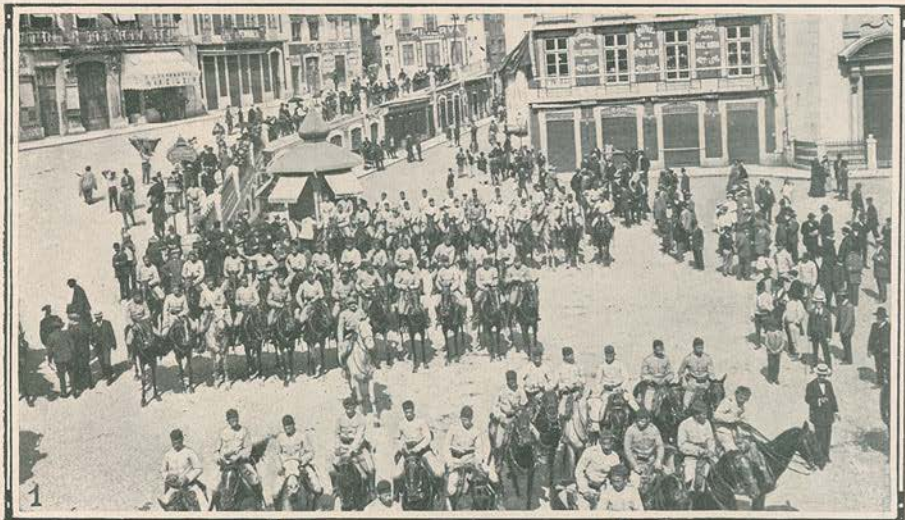
O presidente da Republica, o chefe do governo, o ministro do interior os medicos e os enfermeiros em volta do leito do sr. Miguel dos Santos Soares, correspondente do *Seculo* em Castelo de Vide e que foi ferido por um estilhaço da bomba na rua do Carmo quando acompanhava a filarmonica de que é tesoureiro. *(Clôvis de Benoliel)*



Um trecho do cortejo a caminho da Praça Luiz de Camões.



A direção do Ateneu Comercial depois de ter deposto a sua corôa no monumento do poeta.

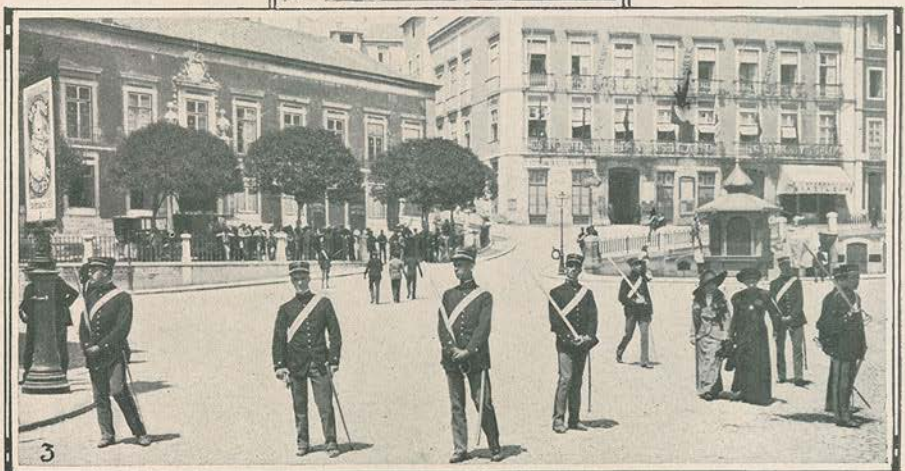


Mas não foi só nas ruas que elas tiveram a sua nota deslumbrante e causaram a sua sensação. Um dos melhores numeros do programa foi, sem duvida, a audição da sinfonia camoneana e isso realizou-se em S. Carlos, com toda a nota d'arte que havia a esperar dos seus promotores. Tanto a musica, original de Rui Coelho, como a execução pela orquestra que Pedro Blanch regia, e pelo orfeon que



Antonio Joice ensaiou, foram admiravelmente interpretadas, harmonizando-se aquelas quinhentas vozes n'uma verdadeira apoteose: a Camões, cuja vida Teófilo Braga, pouco antes, n'uma conferencia erudita, fizera resurgir ante o publico que enchia o grande teatro.

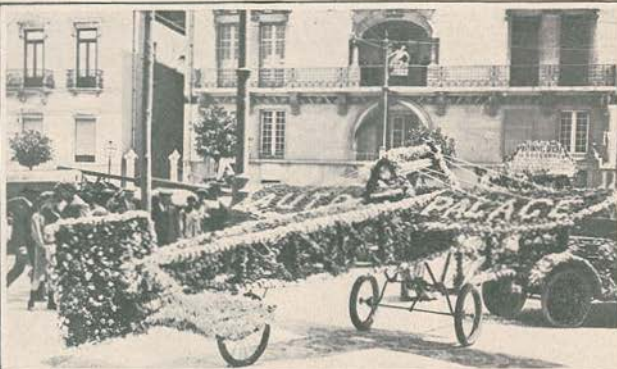
Taes foram, na generalidade, as belezas d'esses oito dias das festas de Lisboa.



1. A cavalaria guardando o largo do quartel general depois da explosão da bomba na rua do Carmo.—2. A porta do hotel Universo, na rua do Carmo, onde se refugiaram varias pessoas e onde se recolheram alguns feridos.—3. Os alunos da Escola de Guerra, guardando o largo do quartel general.—(Clichés de Benoliel)

A BATALHA DAS FLÔRES

Um dos numeros que mais exito obteve nas festas da cidade foi a batalha das flôres na qual tomaram parte lindissimas carruagens enfeitadas a capricho conduzindo ele-



O carro do Auto-Palace, que recebeu um dos primeiros premios.

ma impressão agradável do culto da flôr se teve com o adorno das montras n'algumas ruas da cidade e na exhibição dos grupos alegres das ovarinas ven-



Automovel do sr. L. Galvão, que obteve um dos 2.^{os} premios—Automovel do sr. M. M. Marques, que obteve um dos 2.^{os} premios

gantes senhoras que arremecavam entusiasmamente «bouquets» de lindas flôres de veículo para veículo. A mes-



dedeiras de ramos que os ofereciam com a garridice agradável dos seus trajes e com a graça honesta dos seus sorrisos.

O automovel do sr. Ernesto Zenoglio ao qual foi conferido um dos primeiros premios. (Clichés de Benoit).



As ovarinas que fizeram a distribuição de flores, estando no 1.º plano as que obtiveram os primeiros prêmios.



As tricanas no seu grande carro, que tomou parte na batalha das flores. (Clichés de Benoliel)

O CONCURSO HIPICO



ridas de obstaculos por cavaleiros, nas quaes venceu o sr. Lusignan no seu cavallo «Alvear».

Todos os concorrentes fizeram o percurso sem a minima falta, o que causou um grande entusiasmo na assistencia que enchia o vasto recinto do concurso.



As festas da cidade tiveram, entre os numeros desportivos, o concurso hipico, que chamou grande numero de espectadores ao hipodromo de Palhavã. Realisaram-se provas interessantissimas por amazonas, e cor-



1. Tenente sr. Calado e sr.^a D. Berta Calado, cujas montadas ganharam o 2.^o premio de parselhas.
2. Sr.^a D. Maria do Carmo Reis e capitão sr. Martins de Lima, cujas montadas ganharam o 1.^o premio de parselhas.
3. As amazonas que tomaram parte no concurso. (Clôches Benoitel).

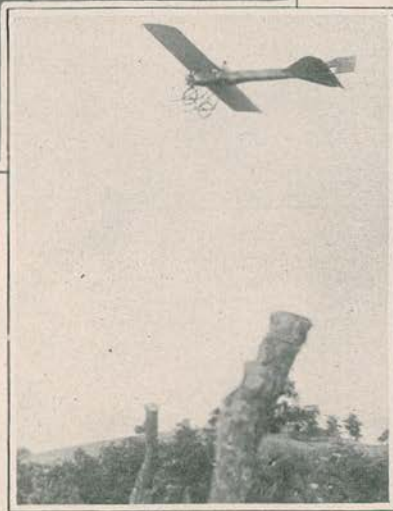
Aviação e Ciclismo



O presidente da Republica e o presidente do governo, felicitando o aviador Sallés depois da ascensão.

No Campo Grande, as provas de aviação e ciclismo despertaram um grande interesse, sendo também sensacional esse numero das festas da cidade.

Havia uma grande anciedade pelos resultados da corrida Porto-Lisboa, cujos corredores eram esperados atentamente pelo numero publico. O pri-



O aviador planando sobre o campo.

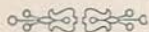
meiro a chegar foi o ciclista sr. Dias Maia, a que se seguiu o sr. João Silva, tendo feito o trajeto, respetivamente, em 16 horas e 10 minutos e 16 horas e 54 minutos.

Dos motociclistas foi o primeiro a chegar o sr. Leopoldo Futscher, que o sr. Inocencio Pinto seguia com o intervalo de dois minutos.

As provas de aviação foram também notáveis, tendo o aviador Besano feito um esplendido vôo de 17 minutos, que impressionou a assistência pela sua gracilidade e certeza de «aterrissagem».

Sallés, no Deperdusin do Estado, voou durante 14 minutos, causando também uma grande sensação e recebendo, bem como o seu camarada, as felicitações do presidente da Republica e do chefe do governo.

Das tribunas foram aplaudidos com entusiasmo, fazendo dentro em pouco os aviadores uma nova ascensão, que foi saudada vibrantemente.



ciclista sr. Joaquim Dias, que obteve o 1.º premio na corrida Porto-Lisboa.



O motociclista sr. Leopoldo Futscher, que obteve o 1.º premio na corrida Porto-Lisboa.

(Ciclismo Benoitel).

A MORTE DO AVIADOR MANIO

Uma nota impressionante a juntar ao atentado da rua do Carmo foi a morte desastrosa do aviador italiano Manio, que viera disputar o concurso d'avição do programa das festas da cidade, que se realizou em 18 de junho.

Manio, auxiliado pelo mecânico de Sallés, começou a fazer funcionar o aparelho, que era um Bleriot com motor Gnôme da força de 50 cavalos e se elevou dando desde logo a impressão ao publico de que esbarraria contra as vedações do hipodromo, tanto era o seu desvio ao subir.

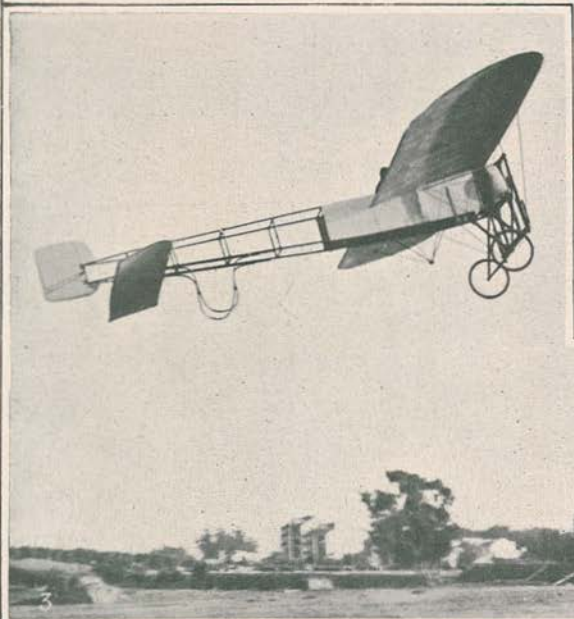


O aviador teve uma esplendida viragem, de seguida dirigiu-se para sobre o Tejo, voltando dentro em pouco para fazer a aterrissagem, tendo impressionado favoravelmente o publico.

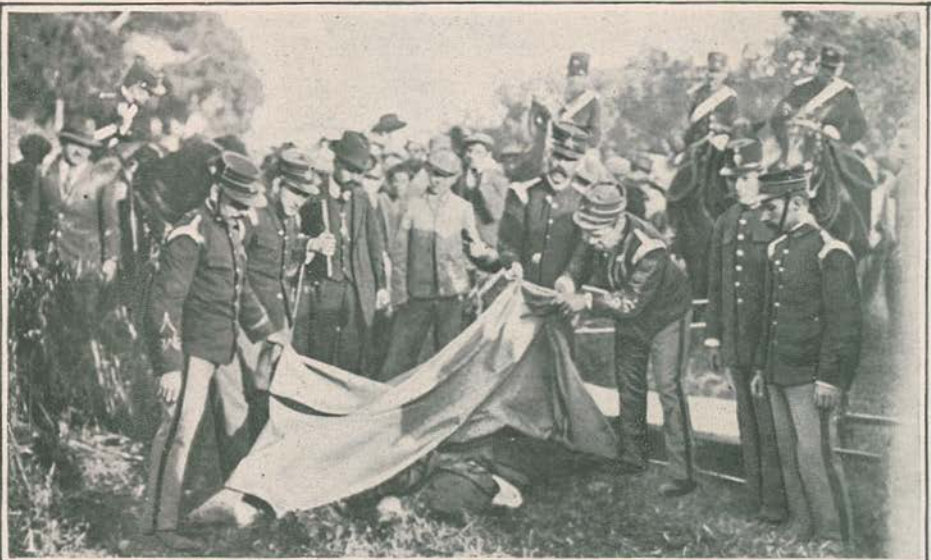
Pairava a 150 metros d'altura sobre a Portela de Sacaven, quando novamente começou a subir, dando-se n'esse momento a catastrophe. O apare-



lho, como se tivesse sido impedido por uma mola, n'uma violencia estranha, deu um salto brusco, tendo-se notado com horror que um vulto se soltava no espaço, vertiginosamente.



1. O aviador Manio momentos antes da ascensão.—2. O aeroplano ao elevar-se no campo d'avição
3. O aparelho no espaço.—(Clichés de Benoit)



O corpo despedaçado do aviador Manio, no terreno da quinta de Valprim, entre a Portela e a estrada de Sacavem.

Era o aviador, que fôra cuspidor do aparelho, o qual subia um pouco para vir abater-se perto do lugar onde o corpo de Manio estava despedaçado no meio d'uma seara, na quinta do Valpu m, situada entre a Portela e a estrada de Sacavem.

A catastrophe causou uma profunda impressão, uma consternação se apossou de todos os que tinham visto ha pouco o aviador cheio de alegria e vida a metter-se no aparelho para esse vôo fatal e derradeiro.



O aparelho de Manio depois da catastrophe

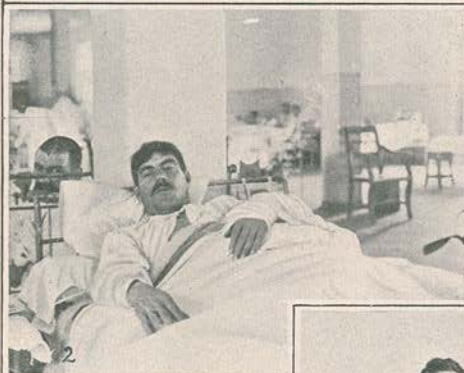
Feridos pelos estilhaços da bomba

Entre as pessoas feridas pelos estilhaços da bomba lançada na rua do Carmo á passagem do cortejo camoneano encontra-se D. Olivia Vaz Borges, que com seus paes viera assistir ás festas. Ficou muito ferida nas mãos, recolhendo ao hospital de S. José onde foi visitada pelo chefe do Estado



1. A sr.ª D. Olivia Vaz Borges que ficou ferida nas mãos quando assistia á passagem do cortejo na janela do hotel Universo.

assim como alguns dos outros feridos e o musico danlarmonica de Castello de Vide que veio a falecer. Tambem estão ali sob prisão alguns individuos feridos parecendo implicados n'esse nefando atentado de que resultaram tres mortos um dos quaes foi Valerio Benjamim, que cor duzira a bandeira negra.



2. Raul Ramos.



3. Francisco d'Oliveira.



4. José Mendes Veludo.—5. Luiz Antonio Batista.—6. Americo Saragoça, que ficaram no hospital presos como suspeitos.

(Clíchê de Benoliet)





O grão visir assassinado bateu-se bravamente nas filas mais avançadas da Joven Turquia contra o sultão occupado de vermelho e depois da revolução ascendeu aos mais altos cargos, occupando que actual-



mente exercia quando do assassinio de Kiamil Pachá, cujo filho foi acusado de tomar parte no «complot», d'onde se determinou o atentado que vitimou o primeiro ministro do Sultão.



1. Viterino V. Junior, presidente do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro, recentemente falecido.—2. Coronel sr. Julio A. Vidal que foi um illustre professor e faleceu em 15 de junho.—3. Sr. Caetano José de Faria, avô da esposa do sr. dr. Daniel Rodrigues, governador civil de Lisboa, e que faleceu em Farnalhão.—4. Coronel sr. Pedro Augusto Arnaut de Menezes, recentemente falecido.—5. Mahomed Pachá, o grão visir da Turquia, assassinado a tiros de revolver em Constantinopla, quando se dirigia para a Sublime Porta, em 11 de junho.



O sr. Eduardo Macieira foi um dos mais devotados propulsores das associações de bombeiros voluntarios que, n'uma eloquente manifestação



de saudade, assistiram á trasladação do seu cadaver para o jazigo mandado construir pela familia do extinto no cemiterio dos Prazeres.

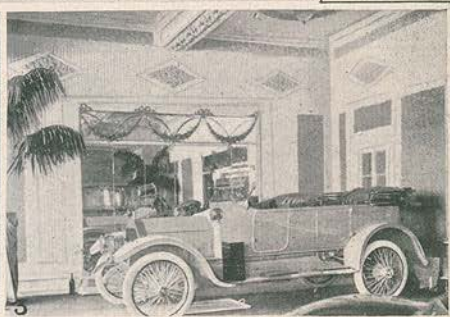
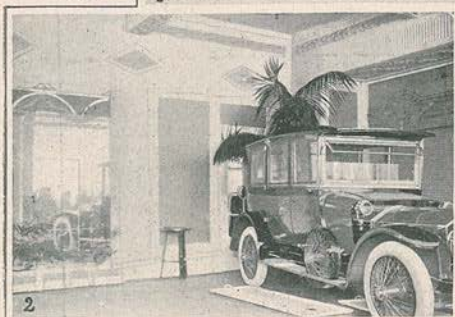
6. Sr. Eusebio da Silveira Machado, empregado do ministerio da guerra e proprietario, recentemente falecido.—7. José Augusto Parreira Toscano, chefe de repartição dos Caminhos de Ferro, falecido em 14 de junho.—8. O industrial, sr. Fernando José da Silva, socio da casa Martins, Sousa & Silva, falecido em 14 de junho.



No cemiterio dos Prazeres: A trasladação do cadaver do sr. Eduardo Macieira, chefe dos bombeiros voluntarios lisboenses e que falecera em 15 de junho de 1912, tendo aquella cerimonia constituido uma manifestação de saudade. (Licht Benedit).

LISBOA EMBELEZA-SE

Como se transforma um angulo do Rocio



1. A nova «garage» dos srs. Castanheira Lima & Rugeroni L.^{da} & esquina do Rocio, defronte do teatro Nacional.
(Clickés de Benoliel)

Acaba de ser inaugurado em Lisboa, um grandioso estabelecimento de automobilismo, propriedade dos srs. Castanheira, Lima Rugeroni L.^{da}, na Praça de D. Pedro, onde esteve durante muitos anos a historica casa comercial Matos Moreira.

O luxo da instalação, aliado a uma bela concepção artistica, causou o maior successo em Lisboa, podendo dizer-se que em parte alguma se encontra um estabelecimento automobilista que se compare ao empreendimento realizado em Lisboa pelos nossos amigos Castanheira, Lima & Rugeroni L.^{da}

A nova casa tem o privilegio da representação em Portugal das tres maravilhosas marcas de automoveis da maior reputação mundial—«Napier» e «Rolls-Royce», inglezas e «La Metallurgique», belga.

A inauguração fez-se com os belos autos «Napier», admirando-se na exposição a riquissima «carrosserie salon imperial, Napier», que tem feito o maior successo.

O automovel «Napier» occupa o primeiro logar pela solidez, resistencia ás más es-

tradas, suavidade no movimento, segurança individual e velocidades completas—desde a normal até á vertiginosa.

Nos grandes circuitos internacionaes, o «record» pertence até hoje á marca «Napier». E' o automovel dos «touristes» e das familias e d'aí a extraordinaria aceitação que o auto «Napier» está adquirindo em toda a parte. Em Portugal o carro «Napier» é o auto da moda, tendo sido comprados já muitos automoveis d'esta bela marca, fazendo-se largas viagens de «tourismo» não só no nosso paiz, como ta n bem na Hespanha, França e Alemanha, comprovando todos as excepcionaes condições de resistencia dos autos «Napier».

Devemos acrescentar ainda que, além da «carrosserie-salon Napier», ha os «torpedos da mesma marca, muito economicos, velozes e de extrema elegancia de construção.

Quem vier a Lisboa não deixe de visitar o notavel estabelecimento de automobilismo dos srs. Castanheira, Lima & Rugeroni L.^{da}, onde ha tecnicos para a instrução de todos os «sportsmen».

